

*Nevara um pouco durante a noite e o cabelo dela gelara e era dourado e cristalino e os olhos tinham congelado, duros como seixos. Uma das botas amarelas soltara-se e estava de pé, na neve, por baixo dela. O casaco jazia na neve, um montículo coberto de poalha branca, onde o deixara cair, e ela tinha no corpo somente um vestido branco e pendia entre os postes despídos e cinzentos das árvores inverniais, a cabeça curvada e as mãos um tudo-nada voltadas para fora como as de certas estátuas ecuménicas cuja postura nos pede que meditemos na sua história. Que meditemos nos fundos alicerces do mundo, cuja substância é feita da dor das suas criaturas. O caçador ajoelhou-se e cravou a coronha da espingarda na neve, a seu lado, e tirou as luvas e deixou-as cair e entrelaçou as mãos uma na outra. Pareceu-lhe que devia rezar, mas não sabia nenhuma prece para uma ocasião assim. Vergou a cabeça. Torre de Marfim, disse. Casa de Ouro. Ficou muito tempo ali ajoelhado. Quando abriu os olhos, viu uma pequena forma meio enterrada na neve e debruçou-se e raspou a neve com os dedos e apanhou do chão uma corrente de ouro com uma chave de aço, um anel de ouro branco. Meteu a corrente no bolso do blusão de caça. Ouvira a ventania durante a noite. Os efeitos da ventania. Um caixote do lixo a estralejar por cima dos tijolos, nas traseiras da casa. A neve a soprar lá longe, no meio da floresta, no escuro. Ergueu o rosto e fitou aqueles olhos frios e esmaltados que cintilavam, azuis, à luz fraca do inverno. Ela prendera o vestido com uma faixa vermelha, para ter a certeza de que a encontravam. Um farrapo de cor na desolação escrupulosa. Naquele dia de Natal. Naquele dia de Natal tão frio e quase sem palavras.*



# I

*Seria assim, portanto, a Chicago no inverno do último ano da vida dela. Dali a uma semana regressaria a Stella Maris, que abandonaria para mergulhar sem rumo nos bosques soturnos do Wisconsin. O Puto Talidomida encontrou-a numa pensão da Clark Street. No bairro de Near North Side. Bateu à porta. Não era hábito. Ela já sabia quem era, evidentemente. Esperava-o. Fosse como fosse, não foi bem um toque na porta. Somente uma espécie de palmada.*

*Ele pôs-se a andar para trás e para diante, aos pés da cama dela. Deteve-se para falar e pensou melhor e retomou o vaivém, retorcendo as mãos diante de si como o vilão de um filme mudo. Só que, é claro, não eram propriamente mãos. Não passavam de umas barbatanas. Mais ou menos como as de uma foca. Apoiou então o queixo na barbatana esquerda, no momento em que se deteve para a fitar. Regressei por exigência do público, disse. Em carne e osso.*

*Levaste uma eternidade a cá chegar.*

*Pois. Apanhámos as luzes de frente o caminho todo.*

*Como é que sabias qual era o quarto?*

*Fácil. Quarto 4-C. Previ logo. Como é que arranjaste dinheiro?*

*Ainda tenho dinheiro.*

*O Puto olhou em volta. Agrada-me o jeito que deste ao quarto. Talvez me possas mostrar o jardim, depois do chá. Quais são os teus planos?*

*Acho que sabes muito bem quais são os meus planos.*

*Pois. As coisas não parecem lá muito promissoras, pois não?*

*Nada dura para sempre.*

*Vais deixar um bilhete?*

*Estou a escrever uma carta ao meu irmão.*

*Uma súmula ressequida, aposto.*

*O Puto estava à janela, a olhar lá para fora, para o frio agreste. O parque coberto de neve e o lago gelado, mais além. Bem, disse. É a vida. O que é que um gajo há de dizer? Não é para todos. Santo Deus, os invernos são claustrofóbicos.*

*É tudo?*

*É tudo o quê.*

*É tudo o que tens para dizer?*

*Estou a pensar.*

*Retomara o vaivém. De repente, estacou. E se fizéssemos as malas e zarpássemos?*

*Não faria diferença nenhuma.*

*E se ficássemos aqui?*

*O quê, mais oito anos contigo e com os teus amigos das historietas de faca e alguidar?*

*Nove, Calculadora.*

*Nove, seja.*

*E porque não?*

*Não, obrigada.*

*Ele caminhava para trás e para diante. A coçar vagarosamente a cabecita marcada pelas cicatrizes. Dir-se-ia que fora trazido ao mundo com uma pinça para cubos de gelo. Deteve-se outra vez à janela. Vais ter saudades nossas, disse. Passámos muito tempo juntos.*

*Pois claro, disse ela. Tem sido maravilhoso. Escuta. Nada disso vem ao caso. Ninguém vai ter saudades de ninguém.*

*Nós nem sequer éramos obrigados a vir, sabes.*

*Não faço ideia das vossas obrigações. Os vossos deveres não me dizem respeito. Nunca me disseram respeito. E agora não quero saber.*

*Pois. Tu sempre pensaste o pior possível de nós.*

*E raramente me desiludi.*

*Nem todas as alucinações ectromélicas que aparecem no teu quarto de dormir, no dia dos teus anos, querem acabar contigo. Tentámos derramar um pouco de sol num mundo transtornado. Que mal tem?*

*Não faço anos hoje. E acho que ambos sabemos o que vocês andam a derramar por aí. Seja como for, não vais cair nas minhas boas graças, portanto esquece.*

*Mas que boas graças? Passaste à história.*

*Melhor ainda.*

*O Puto passeou os olhos pelo quarto. Santo Deus, disse. Isto é uma autêntica espelunca. Viste o que acabou de atravessar o soa-lho? O quê, já esgotaste a reserva de Zyklon B? Nunca foste propriamente uma fadinha do lar, mas acho que aqui passaste das marcas. Já lá vai o tempo em que nem morta te apanhavam numa lixeira destas. Tens cuidado de ti?*

*Isso não é da tua conta.*

*Como queiras. Isto é só mais um quarto minguante na tua vida. Ora, pois bem. Essa roupa fica-te a matar, sabias? Perdoa-me o trocadilho. Alguma vez pensaste em tomar votos e vestir o hábito? Pronto. Perguntei por perguntar.*

*Porque é que não fazemos as pazes um com o outro na medida do possível e esquecemos o resto. Não tornes as coisas piores do que já são.*

*Pois pois claro claro.*

*Sabias que este momento ia chegar. Gostas de fazer de conta que eu te escondo segredos.*

*E escondes. Segredos. Deus me acuda, que frio, aqui dentro. Dava para pendurar peças de carne nesta porra deste quarto. Chamaste-me operador espectral.*

*Chamei-te o quê?*

*Chamaste-me operador espectral.*

*Nunca te chamei tal coisa. É um termo matemático.*

*Pois. Dizes tu.*

*Podes procurar.*

*Dizes sempre isso.*

*E tu nunca procuras.*

*Ora, pois bem. Águas passadas.*

*Águas passadas, é isso? O quê, preocupa-te que eu te dê uma nota baixa na minha avaliação?*

*Chama-lhe o que quiseres, Princesa. Fizemos o melhor que pudemos. A maleita perdura.*

*Não faz mal. Não vai perdurar muito mais.*

*Pois, estou-me sempre a esquecer. Vais partir para aquelas remotas paragens de onde nenhum viajante puta que pariu.*

*Estás-te sempre a esquecer?*

*É uma força de expressão. Não me esqueço de grande coisa. Já tu, é claro, não pareces ter grandes memórias a respeito do estado em que te encontrámos quando aparecemos pela primeira vez.*

*Não preciso de recordar nada. Continuo nesse estado.*

*Pois, 'tá certo. Corrige-me se me engano, mas acho que me lembro duma rapariguinha em bicos de pés, a espreitar por uma fresta, raramente referida nos arquivos. O que é que ela viu? Uma silhueta no portão? Mas não é isso que importa, verdade? O que importa é: será que a criatura a viu a ela? Um pequeno orifício de luz. Quem é que iria reparar? Mas os podengos do Inferno conseguem passar pelo buraco de um anel. Tenho razão ou não tenho?*

*Eu estava ótima até vocês aparecerem.*

*Santo Deus, se não existisses, tinham de te inventar. Sabias? Ainda assim, tiro-te o chapéu. Mas vê lá, não apanhes sol na cabeça. Aparecem os monstros do Inferno, a babarem-se e a fazerem esgares, e ela tenta espreitar-lhes por cima do ombro. O que é que está além? Não sei. Um monstro atávico qualquer, saído da psicose de um antepassado morto, que emergiu da chuva. Ei-lo acolá, a fumegar, no canto. Bem, mas que raio. Deixa-me acender as luzes. Não dá. Desliga aí o projetor. Mas quem é que pediu esta merda, foda-se? Quando enrolamos o ecrã, a porra dos abortos ficam na parede. A outra coisa que me chamaste foi agente patogénico.*

*Tu és um agente patogénico.*

*Vês?*

*Eles entram ou não?*

*Eles quem?*

*Deixa-te de tretas. Eu sei que eles estão lá fora.*

*A trupe, queres tu dizer.*

*Quero eu dizer.*

*Tudo a seu tempo.*

*Vejo os pés deles por baixo da porta. Vejo as sombras dos pés deles.*

*Pés e as sombras de pés. Exatamente como no mundo real.*

*De que é que eles estão à espera?*